

Escrita conjunta: participação, negociação e escolhas no processo de construção de uma resenha acadêmica


Márcia Helena de Melo Pereira¹
 Anne Caroline Dias Rocha Prado²


Resumo: Em toda sua obra, Mikhail Bakhtin evidencia a importância do outro na comunicação discursiva. Segundo o autor, todas as manifestações e relações da vida humana são atravessadas por relações dialógicas e a linguagem só existe na comunicação dialógica entre um eu e um outro, um falante e um ouvinte. Para ele, o outro é quem orienta a enunciação, pois as escolhas linguísticas dos interlocutores são feitas sob influência do destinatário e sua resposta antecipada. Trata-se da perspectiva dialógica da linguagem, cerne de toda discussão empreendida por Bakhtin (2011a; 2011b; 2011c; 2014; 2018). É a partir dela que buscaremos, neste artigo, compreender como acontece a escrita conjunta no processo de construção de uma resenha acadêmica escrita por duas duplas de estudantes universitários, observando as estratégias de negociação utilizadas, as escolhas linguísticas que fazem e a participação efetiva de cada indivíduo durante a produção textual, com vistas a verificar de que maneira um influencia o outro nesse processo. De modo geral, o que nossas análises mostraram é que a escrita conjunta só acontece efetivamente quando há contribuição, participação e escolhas de todas as partes, ainda que uma delas sobressaia em relação a outra.

Palavras-chave: escrita conjunta. dados processuais. resenha

Considerações iniciais

Escrever conjuntamente é uma prática antiga e cada vez mais comum, sobretudo se considerarmos o contínuo crescimento científico e tecnológico, o advento e a expansão da internet e o aumento das produções acadêmicas e científicas. Todavia, as pesquisas relacionadas à produção textual costumam levar em consideração um produtor único e,

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB), campus de Vitória da Conquista, atuando na área de Linguística de Texto. Desenvolve, atualmente, projeto de pesquisa sobre processo de construção de textos, gênese de textos, relação entre estilo individual e estilo de gênero, crítica genética, autoria e ensino de texto. Bahia, Brasil. E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br  <http://orcid.org/0000-0002-3663-3462>

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em Linguística (PPGLin/Uesb). Graduada em Letras Vernáculas (UESB). Bolsista do programa interno de bolsas de pós-graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Bahia, Brasil. E-mail: annerochaprado@gmail.com  <http://orcid.org/0000-0002-3966-3034>

quando consideram a produção conjunta, normalmente, é para compreensão de outras questões, como, por exemplo, os trabalhos de Calil (1995), em que o autor investiga relações entre texto e autor, desenvolvidas no processo de produção textual, refletindo sobre o lugar de autor no processo de aquisição da escrita, a partir de uma perspectiva não subjetiva do sujeito; Pereira (2005), em que a autora discute a relação entre gênero e estilo postulada por Bakhtin, a partir do processo de construção de seis textos escritos por duas duplas de estudantes de ensino médio; e Costa (2018), em que a autora analisa o processo de revisão textual a partir da 1ª versão de fábulas escritas por quatro duplas de estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental, utilizando, para isso, oito manuscritos e quatro processos de escritura em contexto de sala de aula. De nossa parte, questionamos: como é o processo de construção de um texto produzido conjuntamente? De que maneira um e outro influencia nas escolhas linguísticas realizadas durante esse processo? Como se dá o processo de negociação entre os escreventes?

Na tentativa de respondermos essas questões, analisamos o processo de construção de duas resenhas acadêmicas elaboradas por duas duplas de estudantes de uma universidade baiana. Esses dados são compostos de duas gravações de áudio do momento da elaboração textual, em que as duplas conversam a respeito da apreensão do gênero resenha; duas gravações de áudio de uma entrevista posterior feita com cada dupla, questionando-as a respeito das operações de escrita e reescrita que realizaram; transcrições dessas quatro gravações; os rascunhos dos textos; esquemas textuais elaborados por uma das duplas; os textos considerados prontos pelos escreventes.

Dados como esses nos dão acesso às dúvidas e reflexões dos escreventes, às suas escolhas linguísticas, às reformulações orais que fizeram etc.; dessa forma, temos acesso, também, às estratégias de negociação dos sujeitos, às participações de cada indivíduo e às influências sofridas por cada um, o que nos permite compreender como acontece a produção textual conjunta.

Nossa base teórica será a perspectiva dialógica da linguagem, postulada por Mikhail Bakhtin (2011a; 2011b; 2011c; 2014; 2018), na qual o autor chama a atenção para a importância do (s) outro (s) na comunicação discursiva. Pensar a língua dialogicamente, significa pensar na relação eu-outro como constituinte do ser humano e dos seus discursos. Assim, é na relação eu-outro, falante-ouvinte que a linguagem se constitui, através de

enunciados. Nessa interação entre dois sujeitos socialmente organizados, o outro desempenha um papel fundamental, orientando a enunciação, visto que, ao construir um enunciado, o falante o faz, procurando antecipar a resposta do seu ouvinte, aguardando dele uma compreensão ativamente responsiva, ou seja, as escolhas linguísticas do falante são influenciadas pelo ouvinte. Além disso, todo enunciado, resultado dessa interação, está ligado a outros enunciados; neles são encontrados uma série de palavras do outro, perceptíveis ou não, de diferentes graus de alteridade.

A partir dessas considerações, neste artigo, investigaremos a influência do outro na produção escrita, observando se um dos escreventes se sobressai em relação ao outro.

O papel ativo do outro na comunicação discursiva: a questão do dialogismo

Nos últimos anos, as discussões empreendidas pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin em suas obras têm sido fonte teórica para as mais variadas investigações científicas em diferentes domínios da Linguística. Quando entramos em contato com qualquer pesquisa relacionada a gêneros discursivos, interação, enunciação e enunciados e discursos, possivelmente iremos nos deparar com uma leitura acerca das reflexões de Bakhtin. Mas o fundamento desses conceitos e a base de todo pensamento bakhtiniano é a noção de dialogismo, princípio gerador da concepção de linguagem do autor.

A questão do dialogismo da linguagem vai além do sistema da língua, dos elementos do texto, das unidades sintáticas, dos juízos de valor fora de uma realidade concreta. Sem as relações dialógicas, os discursos não têm sentido, e a ligação entre a linguagem e a vida se perde.

De acordo com Bakhtin (2011c; 2018), a vida é naturalmente dialógica e viver significa participar de um diálogo, pois em todas as manifestações e relações da vida humana, ocorre uma intensa interação do eu com o outro. Dessa forma, são as relações dialógicas que constituem o ser humano e seus discursos.

A linguagem, segundo o teórico, é uma prática social que tem como objetivo a comunicação discursiva ativa entre o eu e outro, entre o falante e o ouvinte. Para o autor, a língua é a realidade material da linguagem, cuja verdadeira substância é o fenômeno da

interação verbal, realizado através da enunciação ou das enunciações (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014). Assim, a enunciação não é individual, parte de um sujeito único e isolado, ela é “o produto da interação de dois sujeitos socialmente organizados” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 116), e sua estrutura é definida pela situação social imediata e pelo meio social mais amplo.

Ainda, do ponto de vista bakhtiniano, o enunciado é a real unidade da comunicação discursiva, “porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011a, p. 274). Essa unidade real se constrói a partir de atitudes responsivas dos interlocutores e, portanto, tem seus limites definidos pela alternância dos sujeitos do discurso: desde o início da enunciação, o falante aguarda a resposta do seu ouvinte uma ativa compreensão responsiva, que se atualiza em sua resposta; o ouvinte, ao perceber e compreender o significado linguístico do discurso, ocupa uma ativa posição responsiva, concordando, discordando, completando, reformulando, etc. (BAKHTIN, 2011a). Dessa forma, para Bakhtin (2011a), só é possível construir um enunciado na relação falante-ouvinte: “o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado” (BAKHTIN, 2011a, p. 305). Além disso, segundo o autor, o outro é quem orienta a enunciação, pois as escolhas linguísticas do sujeito falante são feitas sob a influência do ouvinte e da sua resposta antecipada.

Todavia, precisamos chamar a atenção para o fato de que, para o teórico russo, embora o diálogo face a face seja a forma mais clássica da comunicação discursiva, graças a sua precisão e simplicidade, as relações dialógicas são possíveis não apenas no diálogo real, nas réplicas de tal diálogo. Para o autor, as relações dialógicas são possíveis a qualquer parte significativa do enunciado: “As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido [...], acabam em uma relação dialógica” (BAKHTIN, 2011b, p. 323).

Sendo assim, no processo comunicativo, todos os enunciados são dialógicos, ou seja, são atravessados por outros enunciados. Nas palavras de Bakhtin:

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. [...] Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011a, p. 297).

Nesta perspectiva, o que é produzido na comunicação discursiva é um tecido de muitas vozes que se relacionam entre si, vozes sociais e vozes individuais: ao produzir um discurso, o sujeito sempre se encontra com outros discursos. Bakhtin (2018) explica que todos os nossos discursos são carregados de palavras dos outros, vozes que se fundem com a nossa voz, algumas inteiramente, outras apenas para reforçarem nosso discurso ou e, ainda, outras para serem reformuladas por nossas próprias intenções. O teórico reforça essa ideia em outra obra ao declarar: “Nosso discurso, [...] é pleno de palavras de outros [...] Essas palavras trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos” (BAKHTIN, 2011a, p. 294-295).

O caráter dialógico da linguagem e, portanto, a indispensabilidade do outro na comunicação discursiva, é sempre reiterado nas discussões formuladas por Bakhtin. Para o autor, a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a utilizam, e é essa comunicação que estabelece o verdadeiro campo da vida na linguagem (BAKHTIN, 2018).

Considerações metodológicas

Para a realização deste trabalho, fizemos uso de um *corpus* composto de dados do processo de construção de duas resenhas acadêmicas escritas por duas duplas de estudantes de uma universidade do interior da Bahia: M. e M.L., estudantes do curso de Ciência da Computação, e D. e G., estudantes do curso de Letras Vernáculas. Esses dados são: duas gravações de áudio do momento da elaboração textual, em que as duplas conversam sobre a apreensão do gênero resenha; duas gravações de áudio de uma entrevista feita posteriormente com cada dupla, questionando-os a respeito das operações de escrita e reescrita que realizaram; transcrições dessas quatro gravações; rascunhos dos textos; esquemas textuais elaborados por uma das duplas; versão final dos textos.

Para apreendermos esses dados processuais, precisamos adotar alguns procedimentos metodológicos diferenciados, que nos permitissem ter acesso ao texto em seu *vir a ser*.

Primeiramente, escolhemos como tema para as resenhas o curta metragem *Vida Maria*, produzido e dirigido por Márcio Ramos em 2006. Vencedor de diversos prêmios, o filme retrata, em aproximadamente nove minutos, um ciclo de vida de diversas “Marias”, a partir da história de uma menina chamada Maria José, que é levada a abandonar os estudos para trabalhar na roça e ajudar nas tarefas domésticas e, então, ela cresce, casa, tem filhos e envelhece, não voltando a estudar.

Solicitamos às duplas que assistissem ao vídeo e, em seguida, escrevessem suas resenhas, sem apagar as modificações que fizessem na primeira versão do texto e, por último, passassem o texto a limpo, quando o considerassem pronto. Enquanto elaboravam os textos, os diálogos mantidos pelas duplas eram registrados por um gravador de áudio; com isso, tivemos acesso às suas dúvidas, às suas escolhas linguísticas, às reformulações orais que não chegaram a ser textualizadas etc. Vale ressaltar que as duplas produziram seus textos em dias diferentes e permaneceram sozinhas em uma sala fechada.

Na etapa seguinte, ouvimos as gravações de áudio de cada momento de elaboração textual e pontuamos os episódios que nos chamaram a atenção e elaboramos perguntas para serem feitas às duplas, levando em consideração, também, os rascunhos, os textos prontos e os esquemas feitos pela dupla de Letras Vernáculas. Com as perguntas prontas, entrevistamos cada dupla de estudantes, uma semana após a produção dos textos. Dessa forma, eles próprios puderam nos dizer por que apagaram, por que substituíram e assim por diante. As entrevistas também foram gravadas em áudio.

Para completar a apreensão dos dados, fizemos a transcrição das quatro gravações.

Como acontece a escrita conjunta no processo de construção de uma resenha acadêmica? – A análise.

Procederemos nossa análise, levando em consideração os dados processuais da dupla de Ciência da Computação e Letras Vernáculas simultaneamente, de maneira que possamos

comparar os conhecimentos e estratégias de cada dupla, mostrando o que foi diferente e buscando problematizar essas diferenças.

Passemos então a observar como M. e M.L. (dupla 1 – Ciência da Computação) e D. e G. (dupla 2 – Letras Vernáculas) constroem uma resenha acadêmica conjuntamente.

Primeiramente, vejamos a versão final da resenha elaborada pela dupla de Ciência da Computação:

O curta metragem, Vida Maria, ganhador do 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, trata-se de uma animação, produzida por VIACG, em que, com tons quentes e marcantes, retrata a triste realidade das Marias do sertão brasileiro.

Esta animação, que com seus aproximados 9 minutos, descreve a vida de Maria José, protagonista da história, que ainda quando criança, demonstra interesse pelos estudos e, devido a falta de esclarecimento da mãe, é obrigada a se submeter aos duros trabalhos rurais e domésticos, para assim, garantir a sua, e a sobrevivência de sua família.

Maria é símbolo de uma sociedade oprimida pelo Estado, que, devido ao seu desprovido grau econômico, crítico e cultural, tem por consequência, uma frustração e uma acomodação incapaz de dar novos rumos à história social.

Com brilhante clareza de expressão, Márcio Ramos, roteirista do curta, proporciona ao espectador, uma profunda e analítica reflexão através do interminável ciclo das Marias.

M. e M.L. escreveram um texto de quatro parágrafos em duas horas e dezessete minutos.

Agora, vamos ver a resenha produzida pela dupla de Letras Vernáculas:

“Vida Maria” é um curta-metragem de aproximadamente oito minutos produzido por Márcio Ramos e Hérlon Robson, autor da trilha sonora. O vídeo aborda de forma caricatural a vida de várias Marias que vivem a triste realidade do sertão brasileiro e de como, mesmo ao passar das gerações, tudo se repete e nada muda.

A história do curta centraliza-se na personagem Maria José, que, quando criança, está aprendendo a desenhar as primeiras letras do seu nome. Repreendida brutalmente pela mãe-que também se chama Maria- Maria José se configura enquanto uma personagem que reflete a realidade do sertão. Uma triste realidade marcada pelo duro trabalho da roça.

Os personagens secundários da história não apresentaram deter conhecimento de uma cultura letrada, enxergando o hábito da escrita como desnecessário. Em uma das poucas falas do vídeo, a mãe de Maria José deixa explícito que ela “fica aí fazendo nada” enquanto rabiscava em seu caderno. O tempo vai passando e Maria José cresce, casa-se, tem filhos continua seu trabalho na roça, não voltando a ter nenhum outro contato com a escrita.

Outro aspecto importante a ser ressaltado, diz respeito à composição da trilha sonora do vídeo. Hérlon Robson utiliza de recursos musicais para ressaltar a triste realidade da “Vida Maria”, em acordes melódicos de um violoncelo, cujas batidas parecem embalar um lamento pela vida sofrida.

O vídeo “Vida Maria” é indicado tanto aos profissionais da educação, mais precisamente àqueles que lidam com alfabetização, quanto ao público em geral, por se tratar de uma temática recorrente: a questão do aprendizado da escrita e a possibilidade de mudança de vida que ele, eventualmente, traria.

Com cinco parágrafos, o texto de D. e G. foi produzido em aproximadamente uma hora e trinta e sete minutos. Em comparação com a dupla de Ciência da Computação, a dupla de Letras Vernáculas escreveu um texto maior, em quarenta minutos a menos.

Observemos as primeiras falas das duas duplas, em que a dupla 1 comenta a respeito do curta metragem a ser resenhado e começa a ter ideias sobre o que colocar na resenha, e a dupla 2 discute sobre estratégias utilizados para o planejamento do texto:

Ciência da Computação	Letras Vernáculas
M.: Ah, eu gostei do filme. Foi bonitinho. Meio triste, mas é bonitinho. Eu num sei se você reparou, no início dizia que era do... ganhou alguma coisa, algum prêmio no Ceará. Num sei se você viu. Logo no início do filme. M.L.: Hunrum. Hunrum. Então... O que que a gente vai fazer? M.: Bom, primeiro a gente tem que... Como a gente é de computação, primeiro a gente tem que analisar a arte gráfica (risos). M.L.: Deus me livre. Não. (Risos). Quêta moça. Se não, a gente vai estragar o enredo. M.: (Risos) Tô brincando. M.L.: É... Também a gente pode falar dessa parte. M.: É. Porque é uma animação, né? M.L.: A gente fala da qualidade e tal. (Pausa) M.L.: Mas, e aí? Faz ideia? M.: Bom, primeiro vamo começar... (Pausa) [Deixa eu colocar aqui...] Num sei... A gente primeiro fala o quê? Que ganhou o prêmio... Cadê? (Reproduzem o vídeo) M.: Oi... 3º Prêmio do Ceará de Cinema e Vídeo. Tem que falar um pouco sobre a obra primeiro, né? Obra... (Pausa) M.: Ganhador do 3º prêmio... M.L.: Num apaga nada não. M.: Hunrum... E quem disse que eu vou	G.: Primeira coisa... Primeira coisa, você já fez resenha alguma vez? D.: Eu já. G.: Cê... Cê gosta de começar como? D.: Bom, todo texto que eu vou fazer, eu faço um esqueminha do que que eu vou abordar no texto. G.: Hum... D.: Independente se é resenha, se é... qualquer coisa. G.: Então faz seu esquema aqui, do jeito que você faria um esquema, e eu faço mais ou menos o meu. E aí a gente junta. D.: Junta... Giovane: Junta os dois e faz. Ó... (Pausa) D.: Certo. Primeiro fazer... Fazer o que? É falar sobre o filme, né? G.: Não, faz seu esquema primeiro... (Pausa). Eu já começo de outra forma. D.: É? G.: É. (Pausa). Faz o esquema aí, escreve aí como você começa. D.: Como assim? G.: Vai fazer escrito? D.: É. G.: Então põe aí. D.: Então... G.: Pode por. D.: (Risos) (Pausa) G.: Independente do, do tipo do texto, você

<p>apagar?</p> <p>M.L.: Tá aqui o nome da obra... Ganhou um prêmio...</p>	<p>faz assim, é?</p> <p>D.: Independente. Eu planejo o texto, como vai, como vai ser o texto.</p> <p>G.: Ah, entendi.</p> <p>D.: Entendeu? O corpo do texto. Depois eu vou...</p> <p>G.: Cê não tem assim, mais ou menos esquematizado na cabeça por gênero não? Por exemplo, artigo, aí, cê já sabe como vai começar.</p> <p>D.: Ah, isso é manual da escrita.</p> <p>G.: Ah, então tá bom.</p> <p>D.: Entendeu? Cê faz como?</p> <p>G.: Ué, já tá na minha cabeça aqui, que que é uma resenha, como se configura, por onde vou começar, como é que tá o meio, depois o fim... Assim.</p> <p>D.: Hum.</p> <p>G.: Sim.</p> <p>D.: Pois é.</p>
--	--

A nossa impressão inicial é de que a dupla de Ciência da Computação irá lidar com a escrita conjunta mais tranquilamente que a dupla de Letras Vernáculas, que, já no primeiro diálogo, entram em conflito devido ao fato de D. utilizar como estratégia de planejamento textual um esquema escrito e G. realizar o seu planejamento mentalmente.

Em relação a dupla de Ciência da Computação, nos chama a atenção as ideias formuladas pelos escreventes: (i) comentar sobre a arte gráfica do filme; (ii) iniciar o texto falando sobre a obra; (iii) informar que o curta metragem ganhou um prêmio. Para nós, a influência de M. sobre M.L. é notável nesse momento, visto que é ele quem apresenta as ideias que são aceitas pelo colega; todavia, ainda é cedo para dizer que um dos componentes irá sobressair.

No que diz respeito ao diálogo da dupla de Letras Vernáculas, destacamos a divergência gerada pelas diferentes estratégias utilizadas por cada sujeito para planejar o texto: com o planejamento feito mentalmente, G. já poderia começar a escrever o texto; D., por sua vez, antes de partir para a escrita, precisaria elaborar o seu esquema escrito. Vale salientar que a dupla 1 não faz um planejamento prévio escrito e se põe a escrever a resenha imediatamente; como veremos adiante, os escreventes planejam partes do seu texto a partir das ideias que vão sendo geradas.

Na entrevista que fizemos com a dupla de Letras Vernáculas posteriormente, D. nos explicou como a dupla resolveu esse conflito:

D: Nesse sentido, G. não entendeu como eu queria fazer. Então, assim, a gente montou um esquema e aí, depois, acabou montando o mesmo esquema de forma amplificada, e deu no mesmo, vai ficar uma resenha do mesmo jeito. O que vai mudar o meu esquema de planejamento textual é o gênero... Independente... Na verdade, a gente não tentou fazer cada um o seu esquema. Ele me perguntou se eu conhecia, se eu já tinha feito o gênero resenha. Aí, a gente começou elaborar o texto, abordando os aspectos né? Eu coloquei assim: A gente vai falar disso, vai falar disso, vai falar disso, e aí, no decorrer da conversa, ele reaproveitou esse esquema incorporando outros elementos. Quer dizer, ampliando os elementos né? Então, ficou um esquema...

A partir dos dados acima, é possível afirmar que D. conseguiu influenciar G., visto que não abriu mão de fazer seu esquema escrito, o que acabou refletindo nas escolhas de G., que optou por também fazer um esquema escrito, reaproveitando o do colega e acrescentando novos elementos. Dessa forma. Podemos acrescentar, ainda, que, além do intenso diálogo entre os interlocutores, o diálogo entre discursos é evidenciado quando percebemos que a versão final do texto foi produzida, primeiramente, a partir do curta metragem *Vida Maria*, e, segundo, a partir do esquema elaborado por D.

Nesse primeiro momento da produção dos textos, a alternância dos sujeitos do discurso nos diálogos é facilmente observada: “o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2011a, p. 275). Portanto, a relação falante-ouvinte, eu-outro está funcionando conforme os postulados bakhtinianos sugerem.

Vejamos, a seguir, algumas falas das duplas, em que os estudantes identificam elementos característicos do curta-metragem: M. e M.L. comentam a arte gráfica e D. e G. destacam a trilha sonora:

Ciência da Computação	Letras Vernáculas
M.: Bom, primeiro a gente tem que... Como a gente é de computação, primeiro a gente tem que analisar a arte gráfica, (risos).	G.: Trilha sonora... É isso que eu tô querendo resgatar aqui, ó. (Pausa) O filme de Márcio Ramos, de trilha sonora...
M.L.: Deus me livre. Não. (Risos). Quéta moça. Se não, a gente vai estragar o enredo.	D.: Hérlon Robson.
M.: (Risos) Tô brincando.	G.: Isso. Então assim, cê, cê percebe que isso já tá atrelado ao vídeo?
M.L.: É... Também a gente pode falar dessa	D.: Hunrum.

<p>parte. M.: É. Porque é uma animação, né? M.L.: A gente fala da qualidade e tal. [...] M.L.: É. (Pausa) A gente joga umas características, fala tipo assim... Arranca esse aborda daí, e fala assim: com... A gente fala do gráfico, sei lá, algum a coisa do gráfico, do, do, do local do filme, não sei o que... M.: É, foi boa, essa foi boa... M.L.: Foi boa, num foi? Ihh, véi, ó! M.: Pronto, agora falar do local, cenário... M.L.: Do local, cenário, pra depois jogar a história. [...] M.L.: Ainda acho que tinha que falar das cores. M.: Sim, a gente fala das cores nesse mesmo parágrafo, mas aonde?</p>	<p>G.: Entendeu? (Pausa longa) G.: Hérlon Robson... Então já faz o gancho daqui, já a resenha, já parte daqui oh. D.: A importância... G.: Não, não... É esse, esse que entra agora, ó. D.: É importante... G.: As informações técnicas. D.: Entender... [...] G.: As informações que tão subindo, mas esses dois nomes pra mim são os centrais da... do vídeo, entendeu? D.: Eu entendi. G.: É como se fosse, com a parceria dele, dessas duas pessoas, Márcio Ramos... D.: É importante a gente caracterizar também... G.: (Hérlon Robson) D.: Por que da trilha sonora? É tanto que ele destacou aí, né? G.: É justamente. Então a trilha sonora, a trilha sonora... O que que é o vídeo? É a imagem e som.</p>
--	---

Conforme nos disseram na entrevista que fizemos posteriormente, essas observações feitas pelos estudantes foram feitas a partir do conhecimento de mundo que, segundo Koch (2013), é fundamental para o estabelecimento da coerência do texto e é adquirido na medida em que tomamos contato com o mundo e experienciamos uma série de fatos. A dupla 1 destacou os aspectos gráficos do vídeo, levando em consideração conhecimentos específicos adquiridos em suas experiências no curso de Ciência da Computação e no trabalho com computação gráfica e design; no caso da dupla 2, a trilha sonora foi destacada a partir de conhecimentos mais gerais, adquiridos na experiência diária de cada um, e da participação de G. em cursos e projetos de extensão que tratavam de objetos cinematográficos, fotográficos e midiáticos.

Nessa perspectiva, podemos dizer que existe uma relação subjetiva emocionalmente valorativa dos sujeitos da enunciação com o objeto do discurso. Esse aspecto expressivo, segundo Bakhtin (2011a), é um dos elementos responsáveis pelas escolhas dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. Dessa forma, os juízos de valor e as

emoções dos sujeitos em relação ao objeto, fizeram com que a dupla 1 colocasse em destaque um aspecto que a outra dupla 2 não colocou e vice-versa.

Depois de decidirem que as reflexões sobre a arte gráfica e a trilha sonora do curta-metragem seriam colocadas em suas resenhas, os estudantes discutem como encaixá-las nos textos:

Ciência da Computação	Letras Vernáculas
<p>M.L.: Trata- se de uma animação...</p> <p>M.: De uma animação...</p> <p>M.L.: Que com seus gráficos...</p> <p>M.: E cores.</p> <p>M.L.: Fortes, transmitem...</p> <p>M.: Cores escuras, fortes.</p> <p>M.L.: Mas aí, é como se fosse cores fortes...</p> <p>M.: (...) Como é que é? Nubladas, não.</p> <p>M.L.: Não, pô, são cores fortes...</p> <p>M.: São cores tristes.</p> <p>M.L.: São cores fortes</p> <p>M.: Não, mas o amarelo...</p> <p>M.L.: Cores fortes indicam seca.</p> <p>M.: Mas num é, o nome não é forte não, né?</p> <p>M.L.: (...).</p> <p>M.: É, tipo, cor... Cor escura, não. Cor... Noturna, cor marrom, amarronzada.</p> <p>M.L.: São cores fortes.</p> <p>M.: É? Certeza?</p> <p>M.L.: Cores fortes.</p> <p>M.: Lembrou...</p> <p>M.L.: Cores fortes, de tons avermelhados.</p> <p>M.: Lembrou Vidas Secas de José de Alencar.</p> <p>M.L.: Que, que José de Alencar, véi?! É Graciliano Ramos.</p> <p>[...]</p> <p>M.: Eu acho que é com cores fortes. Cores escuras? Tons escuros?</p> <p>M.L.: Tons fica mais, assim, imponente, né?</p> <p>[...]</p> <p>M.: Produzido por Trio Filmes, trata- se de uma animação... (Pausa) Humm... Trata- se de uma animação... Ó, vou escrever e aí, a gente muda depois. Trata- se de uma animação... A gente deveria ter colocado ao contrário, ó: Não sei o que, trata- se de uma animação, produzida pela Trio Filmes, em que não sei o que, não sei o que, não sei o</p>	<p>D.: E outra coisa que você falou no início.</p> <p>G.: Hum?</p> <p>D.: Da de retomar é, a, os autores né? Que falam lá. O filme de Márcio Ramos, trilha sonora de Hérlon Robson.</p> <p>G.: Hunrum.</p> <p>[...]</p> <p>D.: Né isso? É... É o tempo todo com essa nota de pesar, não é uma, uma, um som alegre.</p> <p>G.: É um... No caso um lamento.</p> <p>D.: É um enredo assim, um enredo não, porque é música né? Uma palavra aí.</p> <p>G.: Ah, cê fala as, a sonoplastia.</p> <p>D.: Isso. É uma, uma, um tom assim pesaroso, não é? Uma...</p> <p>G.: Da música ou do vídeo em geral?</p> <p>D.: Da música que associa ao vídeo, né? Porque não ia colocar uma música que tipo assim, uma...</p> <p>G.: Então você tá falando que o aspecto da sonoplastia do vídeo tem características do, do... Vou botar trilha... (Escrevendo) A trilha sonora do vídeo apresenta características, é... De lamentos. Assim?</p> <p>D.: Daquela vida triste nordestina, né? Você percebe isso em vários outros vídeos é, é... Não que seja essa música, mas esse tom.</p> <p>[...]</p> <p>G.: Os autores do vídeo tal, a sonoplastia tal. Então... Aí, essas informações que eu tô anotando aqui, que cê tá falando da trilha sonora, já coloca lá quando for falar do...</p> <p>D.: Transforma tudo isso em texto.</p> <p>[...]</p> <p>G.: Então vamos chegar a um consenso. Então, (Lendo) o, o, o curta-metragem de Márcio Ramos e trilha sonora de Hérlon Robson, cerca de tantos minutos lá, lá, lá, lá.</p>

<p>que...</p> <p>M.L.: Joga aí. Às vezes, às vezes funciona.</p> <p>M.: Vamo trocar, inverter a ordem aqui. Trata-se de uma animação, produzida vem aqui... Produzida por Trio Filmes vem depois. Isso aqui vem aqui. Esse produzido por vem pra cá. (Pausa) Hum... Cadê? Aqui, ó: O curta-metragem Vida Maria, ganhador do 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, trata-se de uma animação, produzida por... Oí, ficou legal... Que conta, é... Em que seus personagens, não... Em que o cenário...</p> <p>M.L.: Como é que é o negócio aí?</p> <p>M.: Inverter essa posição aqui, ó...</p> <p>M.L.: Lê aí de novo.</p> <p>M.: O curta-metragem Vida Maria, ganhador do 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, trata-se de uma animação, produzida pelo não sei o que, pelo Trio Filmes, em que...</p> <p>M.L.: É, ficou massa, ficou massa. É porque, também, esse final aqui, a gente pensou agora a pouco.</p> <p>[...]</p> <p>M.: Com tons... Num é... Éee... Num é tom forte, ainda acho que é tom escuro. Com tons neutros, não, que num é neutro. Com tons... Que forte pra mim ainda é uma cor muito forte, e isso aí num é forte é ao contrário.</p> <p>M.L.: Como num é forte?</p> <p>M.: Ah, é cor escura.</p> <p>M.L.: Quente, cores quentes.</p> <p>M.: Não. Cores quentes é laranja, vermelho...</p> <p>M.L.: E essa cor aí é o que?</p> <p>M.: Isso aqui? Marrom.</p> <p>M.L.: Laranja lá no chão, no terreiro.</p> <p>M.: Num é, é uma cor escura.</p> <p>M.L.: É quente. Cores quentes, pra dar sofrimento.</p> <p>M.: É. Tá, faz sentido.</p> <p>(Voltam a ver o vídeo)</p> <p>M.L.: Ainda quer discutir com a pessoa que desenha, né? É duro viu!</p> <p>M.: Desculpa, foi mal.</p>	<p>Aí aqui, quando for falar da trilha sonora, aí a gente fala... Já caracteriza a trilha sonora aqui? Como isso que você falou, de ser uma trilha sonora que apresenta uma característica de lamento, das... Que reflete a vida nordestina, esse lugar comum.</p> <p>D.: A gente pode falar disso aí quando estiver falando do filme em si.</p> <p>G.: Então, deixa pra falar do filme em si, né?</p> <p>D.: É.</p> <p>[...]</p> <p>G.: (Escrevendo) ...minutos, produzido por Márcio Ramos e que conta com a trilha sonora de Hérlon Robson, de Hérlon Robson... (Pausa) Entendeu?</p> <p>D.: Ok.</p> <p>[...]</p> <p>D.: Outro ponto importante a ser abordado, em relação o vídeo, a esse vídeo, é o aspecto característico da trilha sonora.</p> <p>G.: (Lendo) Outro aspecto importante a ser ressaltado, diz respeito a composição da trilha sonora do vídeo.</p> <p>[...]</p> <p>G.: (Escrevendo) Robson... (Lendo) Aspecto importante a ser ressaltado, diz respeito a composição da trilha sonora. Hérlon Robson utiliza de recursos...</p> <p>D.: Não tem recurso nenhum, a não ser os instrumentos aí.</p> <p>[...]</p> <p>G.: (Lendo) Outro aspecto importante a ser ressaltado, diz respeito a composição da trilha sonora do vídeo. Hérlon Robson utiliza de recursos próprios para ressaltar a triste realidade nordestina. Em acordes melódicos de um violão, cujas batidas parecem embalar um lamento pela vida sofrida.</p> <p>D.: Ok, mas...</p> <p>[...]</p> <p>D.: Recursos próprios?</p> <p>G.: Recursos o que, então recursos o que? Musicais.</p>
---	---

Antes de seguirmos com a discussão, vamos relembrar que, na dupla de Ciência da Computação, a primeira pessoa a sugerir que os aspectos gráficos do filme fossem colocados no texto foi M., que, inicialmente, teve sua ideia refutada por M.L., que, logo em seguida,

aceitou e ampliou; na dupla de Letras Vernáculas, foi G. quem observou a relação imagem-som presente no curta-metragem e sugeriu que fosse mencionada na resenha, ideia aceita imediatamente por D.

Nos dados que apresentamos acima, é possível observar que a negociação entre a dupla 2 acontece sem que ocorra nenhum embate e as influências acontecem mutuamente. Como dissemos anteriormente, a primeira pessoa a falar na trilha sonora do vídeo foi G., afirmando que esse aspecto está ligado à narrativa fílmica; ao concordar, D. faz comentários que ampliam a observação e, conseqüentemente, o que viria a ser inserido no texto, como, por exemplo, a relação de tons pesados, de lamento, com a vida sofrida do Nordeste. Podemos dizer que ambos constroem a resenha, um complementando as escolhas do outro. Portanto, juntos os escreventes orientam a enunciação, influenciando e sendo influenciados em suas escolhas.

No caso da dupla 1, também é possível verificar uma atitude ativamente responsiva por parte dos dois indivíduos. Entretanto, observamos a ocorrência de um conflito, gerado pela escolha de adjetivos que caracterizem a arte gráfica do curta-metragem: primeiramente, M.L. afirma que as cores são fortes e M. refuta, dizendo que as cores são tristes, nubladas, escuras; em seguida, M.L. fala em cores quentes, mas M. insiste que as cores são escuras; finalmente, M. concorda que são cores quentes. A esse respeito, vimos que M.L. conseguiu influenciar M. na escolha dos adjetivos a serem utilizados. Todavia, em outro momento, M. propõe uma modificação na estrutura do texto, invertendo o posicionamento de duas sentenças: “produzido por Trio Filmes, trata-se de uma animação” por “trata-se de uma animação produzida por Trio Filmes”. Após buscar compreender a ideia, M.L. a aceita sem qualquer questionamento, revelando uma influência de M. Logo, podemos dizer que houve influência das duas partes, e que, mesmo nos momentos em que a atitude do outro era de discordância, os escreventes negociaram sem maiores confrontos.

Adiante, ao refletirem sobre a estrutura do gênero resenha acadêmica, os escreventes comentam que devem indicar a obra. A esse respeito, a dupla de Ciência da Computação entende que é preciso deixar o leitor com vontade de assistir ao vídeo resenhado, enquanto a dupla de Letras Vernáculas entende que é necessário recomendar a obra para um público específico. Assim, os estudantes discutem, de um lado o que fazer para convencer o leitor a

assistir ao curta-metragem, e, de outro, para quem o curta-metragem é recomendado. Vejamos:

Ciência da Computação	Letras Vernáculas
<p>M.L.: Não. Vamo colocar, assim, umas coisas, assim, bem triste, sabe? Umas caráter... Uns adjetivos... bem tristes, assim: a história trágica...</p> <p>M.: Dolorosa?</p> <p>M.L.: A dolorosa história... Assim, sabe? Pra pessoa já assistir o filme, emocionada. Começar o filme, já assistindo emocionada... Já pra esperar...</p> <p>[...]</p> <p>M.L.: Eu já falei pra' gente colocar um negócio mais, assim, sabe? Triste.</p> <p>M.: Ah é, foi mesmo. Aborda... é, a difícil e triste vida no interior... No sertão...</p> <p>M.L.: A trágica e imutável vida...</p> <p>M.: Não.</p> <p>(Risos).</p> <p>M.L.: Bem emo, né, véi? (Pausa) Ah, imutável porque, de geração em geração, passou a mesma, a mesma história.</p> <p>M.: E tinha mais de dez Marias lá.</p> <p>M.L.: Dez Marias dentro daquela caverninha. (Pausa) Imutável... Triste, dolorosa e imutável vida das Marias.</p> <p>M.: Mas aí a gente antecipando... já tá contando que o final vai ser triste.</p> <p>M.L.: É porquê... É mesmo, num pode contar o final, não. Tem que deixar o leitor com vontade de ver.</p> <p>M.: De ver, exatamente. A gente tá contando...</p> <p>M.L.: Mas só que a gente tem que falar que é triste. A gente não pode falar que é feliz.</p> <p><i>Happy End.</i></p>	<p>G.: Que eu acho que ele tá voltado pra questão da educação, profissionais da educação de Língua portuguesa e depois eu digo assim...</p> <p>D.: Não só serve pra Língua Portuguesa.</p> <p>G.: Não. Não. Isso que vai alfabetizar, entendeu? Quem vai alfabetizar é professores de língua portuguesa e professor de pedagogia.</p> <p>D.: Também se associa a questão histórica.</p> <p>G.: Então, (Escrevendo) indicado para profissionais da educação, concordo.</p> <p>D.: Concordo. Educação, concordo.</p> <p>G.: Mais precisamente....</p> <p>D.: Agora pode ter uma abordagem, pode ser...</p> <p>G.: Não.</p> <p>D.: Uma abordagem...</p> <p>G.: Não, é só isso.</p> <p>D.: Uma abordagem histórica, né?</p> <p>[...]</p> <p>G.: Bom, as inferências que eu tô fazendo, tô querendo dizer assim... mais precisamente, ó, indicado para profissionais, mas não significa que é só eles não, mas é justamente isso que eu queria falar.</p> <p>D.: Pois é, foi o que eu disse.</p> <p>G.: Então, a gente coloca que é indicado a essas pessoas, e, também é dos alunos.</p> <p>D.: Ah, é... Pra esses profissionais e interessados.</p> <p>G.: Interessados?</p> <p>D.: Interessados, pessoas que se interessam com a própria temática.</p>

Na tentativa de deixar o seu leitor interessado na obra fílmica resenhada, M.L. sugere o uso de palavras que caracterizem o vídeo como triste. Todavia, M. contesta essa ideia, pois, para ele, o leitor não deve saber o que acontece no final, pois, assim, não faria sentido assistir ao filme. Questionados a respeito dessa discussão, a dupla responde o seguinte:

Pesquisador: Então, M.L. diz: “vamos colocar umas coisas bem tristes” (Risos). Por que tinham que colocar coisas bem tristes? Qual a importância disso para o leitor?

M.L.: Já pra o leitor ficar ciente que não vai ter um final feliz e não rolar decepção. (Risos) Ué, tem que ser assim, pô! (Risos)

M.: Ela queria dramatizar o texto inteiro.

M.L.: Eu queria dramatizar o negócio, porque aí a pessoa já ia ficar ciente do que ela ia encarar.

Pesquisador: Por que não se podia contar o final do filme para o leitor?

M.: Senão, perde a graça. (Risos) É pra ver o vídeo. Se ele já sabe o que vai acontecer, não tem sentido ele pegar e assistir o filme, se já tá contando tudo na resenha.

Nas respostas dadas pelos estudantes, M. reforça que não eles não podiam mostrar para o leitor que a história narrada no curta-metragem teria um final triste, mas M.L. comenta que é preciso deixá-lo ciente do que aconteceria para não haver decepção. Todavia, se voltarmos até a resenha pronta, veremos M.L. acabou influenciando M., visto que as palavras tristes apareceram no texto.

Os estudantes de Letras Vernáculas, ao debaterem sobre para quem o curta-metragem é indicado, acabam divergindo: embora ambos concordem que *Vida Maria* é recomendado para profissionais da educação, G. acredita que a obra tem maior relação com professores de Língua Portuguesa, responsáveis por alfabetizar, pois, para ele, o vídeo está relacionado ao fato de que a alfabetização pode mudar a realidade das pessoas; D., por sua vez, afirma que há uma questão histórica envolvida e, dessa forma, o filme é indicado para um público mais amplo. Na versão final do texto, podemos observar que houve influência mútua nas escolhas da dupla: tanto o posicionamento de G. de que o vídeo é recomendado para profissionais da educação que lidam com a alfabetização, quanto o posicionamento de D. de que o vídeo interessa, também, a outras pessoas, aparecem.

Como vimos, tanto no processo de negociação da dupla de Ciência da Computação, quanto no processo de negociação da dupla de Letras Vernáculas, houve momentos de conflitos e discordância, entretanto, esses momentos não interrompem a interação, pois, conforme salienta Bakhtin (2011a), ao falar em responsividade, os interlocutores não esperam uma compreensão passiva, mas uma resposta que pode ser de discordância total ou parcial, de concordância, de complementação, de reformulação, etc. Na verdade, para o autor, a compreensão passiva enfraquece o processo da real e viva comunicação discursiva.

Em um momento seguinte, as duplas discutem sobre o desenvolvimento da resenha, e entendem que precisam resumir a história de Maria José, contada no filme:

Ciência da Computação	Letras Vernáculas
<p>M.L.: Vamo. Agora no desenvolvimento... Tratar da história, de como é que a menina... Né?</p> <p>M.: Né.</p> <p>M.L.: Que até rola um interesse pelos estudos, mas as circunstâncias da vida não permitem.</p> <p>M.: A...</p> <p>M.L.: A mudança.</p> <p>M.: A ignorância.</p> <p>M.L.: Não, véi, vai ficar muito agressivo.</p> <p>M.: É. Mas, então, tem que achar uma palavra menos agressiva, porque, de certa forma...</p> <p>M.L.: É uma ignorância.</p> <p>[...]</p> <p>M.L.: Aí tem que começar falando que ela tinha interesse de estudar aí, depois</p> <p>M.: Que, quando criança, demonstra seu interesse pelo...</p> <p>M.L.: Pelo estudo.</p> <p>M.: Pelo estudo, e é obrigada pela mãe.</p> <p>M.L.: A tomar. E toma, e toma novos rumos, sei lá.</p> <p>M.: (...) no início da história.</p> <p>M.L.: Escreve menos, M., fica desperdiçando as pontas.</p> <p>M.: Não. Essa é a minha. Profunda e analítica. Cadê? E analítica reflexão acerca da vida de Maria José, protagonista da história, que começa, ainda quando criança. Que ainda quando criança.</p> <p>M.L.: Que quando criança...</p> <p>M.: Que ainda quando criança...</p> <p>M.L.: Que...</p> <p>M.: Demonstra. Que, ainda quando criança, demonstra interesse...</p> <p>M.L.: Interesse.</p> <p>M.: (Escrevendo) Que ainda... Criança, demonstra interesse, interesse pra ler...</p> <p>M.L.: Pelo conhecimento.</p> <p>M.: Não. Não necessariamente pelo conhecimento. Pra ler e escrever, na verdade. Que... (...) conhecimento, tá, tudo bem.</p>	<p>G.: Ó, eu vou colocar assim... Primeiro eu tenho que falar da, do vídeo, da história, que é a questão, que é essa história que a gente resumiu. A história se passa em torno da personagem Maria José, certo? E aqui a gente já vai pegar essas ideias e colocar, ó... Representação imagética que reflete uma realidade específica do sertão. Aí depois eu falo da trilha sonora, porque eu falo do autor... Porque eu quero falar aqui agora... No curta metragem, da trilha sonora, aí vou falar a questão das várias Marias e das gerações e tal, e depois volto pra questão da escrita, indico e termino.</p> <p>D.: Pronto.</p> <p>G.: Certo? Então... (Escrevendo) A história se passa em torno da... Não pode ser em torno da personagem Maria José, são...</p> <p>D.: Se centraliza na personagem Maria José.</p> <p>G.: Muito bem. Za?</p> <p>D.: Za. Centraliza.</p> <p>G.: (Escrevendo) Da personagem Maria José. Em torno da personagem Maria José... Sim.</p> <p>D.: Que desenhar suas letras, primeiras letras.</p> <p>[...]</p> <p>G.: E começa na infância... Tem que falar né?</p> <p>D.: É, é.</p> <p>G.: Da infância.</p> <p>D.: Mas é na infância... Éee... Aprendendo...</p> <p>G.: Desenhar... Tem que falar desenhar, o verbo é esse.</p> <p>D.: Aprendendo a desenhar as primeiras letras...</p> <p>G.: (Escrevendo) As primeiras letras do seu nome. Ó, vai ficar grande viu.</p> <p>D.: Eu percebi só pelo esquema aqui, ó, mas...</p> <p>G.: Não, aí a gente já passa pra'qui.</p> <p>D.: Impedida pela mãe...</p> <p>[...]</p> <p>G.: (Escrevendo) Impedida pela mãe, que também se chama Maria... Pela mãe de</p>

<p>M.L.: Sei lá, (...) num encaixa mesmo. [...] M.: Demonstra seu interesse pelo... Pelo que mesmo? Pelo conhecimento. M.L.: Mas acho que não vai encaixar não. M.: Demonstra interesse pelos estudos. Demonstra interesse pela cultura letrada. M.L.: Letrada não. Que isso? [...] M.L.: Tem que explicar, pra você entender o que que eu tô pensando. Que... É... Sobreviver, sabe? Passou a ser, assim, primeiro plano do que os estudos. Tipo, o sustento deles. Como se eles tivessem passando uma necessidade, aí precisava de todo mundo ajudando pra dar tudo certo. M.: E outra coisa... M.L.: Aí, ela mudou o foco dela de estudos... M.: Mas não foi nem porque ela quis, foi a mãe. M.L.: Não, mas... Foi a mãe, pô, mas mesmo assim, ela poderia ter mudado, ela cresceu. M.: Devido... M.L.: Mas aí, ela acabou acomodando. M.: É. Devido à falta de cultura dos pais, não, da mãe. Devido à falta de cultura da mãe e acomodação... M.L.: Não, pô, esse negócio de cultura num fica muito legal não... M.: Fica muito grosso, né? M.L.: Porque fica muito assim, fica muito grosseiro. Porque cultura, cultura é... Depende. M.: É. Tô ligada. Devido à falta de conhecimento... Falta de influência? Dese, desestímulo... Para... Desestímulo da mãe para com os estudos. [...] M.L.: Isso, isso aí é porque a pessoa não tem esclarecimento. M.: Esclarecimento.</p>	<p>prosseguir... (Pausa) Com as letras? G.: Impedidas de continuar com letras tá ótimo. D.: Ó, centraliza em torno? Centraliza na personagem Maria José... Que começa... G.: Na infância. D.: Na infân... G.: (Lendo) Aprendendo a desenhar as primeiras letras do seu nome, do seu nome. Impedida pela mãe, que também se chama Maria, de prosseguir no aprendizado. D.: Peraiinda. G.: O problema de fazer coisa em dupla é esse. [...] D.: Ó, que na infância... Não, coloca aqui... Que quando criança, que... G.: Jesus!! D.: Quando criança, está aprendendo a desenhar as primeiras letras do seu nome, mas é impedida pela mãe... repreendida talvez, né? Pela mãe. [...] G.: Hunrum. (Pausa) Tem que falar também da questão da mãe ser bem bruta. Repreendida bruta, brutalmente pela mãe. D.: Pronto. [...] D.: Ela deixa de escrever e vai trabalhar e depois disso, ela começa trabalhar e não volta mais a escrever, e passa-se o tempo, passa-se o tempo, ela casa-se, tem novos filhos... G.: Novos não, tem filhos. D.: Tem filhos. (Risos) G.: Falando de filhos ainda. (Lendo) Maria José, que quando criança, tenta desenhar as primeiras letras do... do seu nome, impedida brutalmente pela mãe, Maria José... Ée... Reflete uma realidade específica do sertão... (Pausa) Por isso... Sim? Não? talvez? D.: Talvez. (Pausa longa) G.: Botei: Triste realidade marcada pelo trabalho duro da roça. D.: Hunrum. G.: Certo. D.: Ok.</p>
--	--

Para os estudantes, a história narrada no curta-metragem se resume da seguinte maneira: *Vida Maria* conta a história de Maria José, uma menina que está aprendendo a escrever, mas é obrigada pela mãe a deixar os estudos de lado. Enquanto refletem sobre a história do vídeo, as duplas também fazem escolhas linguísticas e textualizam suas ideias. Podemos observar que, apesar de tanto a dupla 1 quanto a dupla 2 entenderem que a mãe de Maria José foi a responsável pela menina abandonar os estudos, M. e M.L. entendem que não podem ser grosseiros e, dessa forma, substituem “ignorância” por “falta de esclarecimento”; já D. e G. acreditam que é preciso deixar claro que a mãe da menina é “bruta” e, assim, afirmam que Maria José foi “repreendida brutalmente”.

Lembremos que, de acordo com Bakhtin (2011a), as escolhas linguísticas dos sujeitos estão relacionadas à relação existente entre as emoções dos sujeitos da enunciação, o objeto do discurso e os recursos linguísticos disponíveis. Assim, falar da mãe de Maria José de maneira mais ou menos agressiva, revela juízos de valores e emoções das duplas.

Chama a nossa atenção, também, o fato de a dupla de Ciência da Computação fazer as suas escolhas conjuntamente, com ambos os sujeitos participando ativamente da produção, apresentado ideias, discutindo sobre as palavras que vão ou não aparecer no texto, negociando e fazendo escolhas em parceria; a dupla de Ciência da Computação, por sua vez, discute as ideias em colaboração, mas, embora D. faça alguns comentários e complementações, é G. quem faz a maior parte das escolhas linguísticas e redige o texto, apenas questionando ao colega se concorda ou não depois de já haver textualizado. Sendo assim, podemos afirmar que M. e M.L. fazem o trabalho em dupla com mais facilidade que D. e G., o que fica evidenciado na afirmação de G.: “O problema de fazer coisa em dupla é esse”.

Há, ainda, durante a produção textual, diversos outros momentos de discussão em que os sujeitos influenciam e são influenciados. Mas, a partir dos dados apresentados, podemos dizer que, nos dados analisados, vimos sujeitos socialmente organizados em um processo de comunicação discursiva, realizando um diálogo contínuo entre si e com outros discursos. Cada um desses sujeitos é o eu e, também, o outro, e orientam toda a enunciação, sendo influenciados mutuamente.

Considerando nossos limites de tempo e espaço, finalizamos nossa discussão nas *Considerações finais*, todavia, antes, gostaríamos de destacar comentários avaliativos que os

estudantes fizeram a respeito dos textos prontos: a dupla de Ciência da Computação afirma que a resenha “É, ficou massa, ficou massa”, e um dos componentes da dupla de Letras Vernáculas declara “Eu não gostei. Tá legal não”. Esses comentários confirmam a afirmação que fizemos no início da análise: a dupla 1, de fato, lidou com a escrita conjunta de maneira mais harmoniosa, o que refletiu um texto que agradou os dois estudantes; no caso da dupla 2, os diversos conflitos que ocorreram, e um processo de negociação conturbado, resultou em um texto que não deixou um dos estudantes contente.

Considerações finais

Neste artigo, propusemo-nos a investigar, a partir da concepção dialógica da linguagem, elaborada por Mikhail Bakhtin (2011a; 2011b; 2011c; 2014; 2018) o processo de construção de resenhas acadêmicas escritas por duas duplas de estudantes universitários, buscando compreender como acontece o processo de negociação de dois sujeitos escrevendo conjuntamente, observando as escolhas linguísticas que fazem, e verificando a participação efetiva de cada indivíduo na produção textual.

A partir das nossas análises, foi possível observar o funcionamento da relação eu-outro, falante-ouvinte, postulada por Bakhtin (2011a; 2011b; 2011c; 2014; 2018). Vimos que, durante os dois processos de construção textual (ou durante toda a comunicação discursiva), houve intensa atividade responsiva, na qual os sujeitos do discurso se alternaram: um falante terminava seu enunciado e passava a palavra ao outro ou dava lugar a uma compreensão ativamente responsiva. Essas atitudes responsivas resultaram em influência de todas as partes: os sujeitos orientaram toda a enunciação, influenciando e sendo influenciados em suas escolhas. Além disso, houve também um acentuado e explícito diálogo dos discursos dos sujeitos com outros discursos: as duplas se valem de múltiplos enunciados em circulação sobre o tema que estão escrevendo, e sobre temas que vêm à tona nas discussões que fazem.

Pudemos observar, também, que as duplas utilizaram estratégias de negociação diferenciadas e, nesse sentido, é possível dizer que a influência de um componente sobre o outro ficou mais clara nos dados da dupla de Letras Vernáculas, visto que G. redigiu praticamente todo o texto, apenas perguntando ao colega “se ficou bom”; além disso, no

decorrer de todo o texto, vemos suas ideias registradas, o que não significa que não houve participação de D. na produção: suas ideias também aparecem, mas em menor grau. Portanto, na resenha da dupla 1, foi G. quem sobressaiu em relação a D.

Em relação à dupla de Ciência da Computação, a intensa e harmoniosa negociação entre a dupla, a participação contínua dos dois componentes e as discussões feitas antes de cada escolha, mostram que tanto M. quanto M.L. influenciaram e foram influenciados na mesma medida e, assim, nenhum dos dois sobressaiu em relação ao outro.

Portanto, o que podemos concluir a respeito da escrita conjunta é que ela só pode acontecer efetivamente se houver contribuição, participação e escolhas de todas as partes, ainda que uma dessas partes adote uma postura mais dominante e suas escolhas linguísticas se mostrem mais presentes.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011a, p. 261-306.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011b, p. 307-335.

_____. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011c, p. 337-357.

_____. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

CALIL, Eduardo. *Autoria: (e) feito de relações inconclusas*. 1995. 240f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem – universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1995.

COSTA, Salezia Magna de Oliveira. *Entre a escrita e a revisão: a criação de fábulas por alunos do ensino fundamental*. 2018. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

KOCH, Ingerdore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA, Márcia Helena de Melo. *Tinha um gênero no meio do caminho*. A relevância do gênero para a constituição do estilo em textos de escolares. 2005. 276f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005

Conjunct writing: participation, negotiation and choices in the process of construction an academic review

Abstract: Through all his work, Mikhail Bakhtin highlights the importance of “the other” in discursive communication. According to the author, all manifestations and relations of human life are crossed by dialogical relations and language only exists in dialogical communication between one me and some other, a speaker and a listener. According to him, the other is the one who guides the utterance, because the linguistic choices of the interlocutors are made by influence of the recipient and their anticipated response. It is about the dialogical perspective of language, the core of all discussion undertaken by Bakhtin (2011a; 2011b; 2011c; 2014; 2018). In this article, we search for to understand how the conjunct writing happens in the process of composing an academic review written by two duo of university students, observing the negotiation strategies used, the language choices they make and the effective participation of each one of them during textual composition, in order to see how they influence to each other. Overall, what our analysis has shown is that conjunct writing only happens effectively when there is contribution, participation, and choice from all the parties, even if one of them stands out from the other.

Keywords: conjunct writing; procedural data; review

Recebido em: 07 de outubro de 2019.

Aceito em: 26 de dezembro de 2019.